

Contato precoce com livros ajuda crianças a ler com facilidade

Do Los Angeles Times

Filadélfia — Não há muito o que ler na rua Carpenter, onde Hassan Upshur passa todos os dias a caminho da creche. Não há letreiros no armazém. O único sinal de que alguém já aprendeu algo no lugar é uma velha escrivaninha de professora em uma escola abandonada.

Mas dentro da creche Jane D. Kent-St. Nicholas, na mesma quadra, Hassan, 3 anos, agarra-se ao clássico *Onde as Criaturas Selvagens Estão*, de Maurice Sendak. Hassan o lê sozinho.

Bem, não lê exatamente. Ele está folheando, cutucando os monstros do livro de Sendak com seu pequeno indicador. Ele está se preparando para ler.

Nessa rua deprimente, nessa esforçada creche, nessa idade é um quase milagre que Hassan Upshur consiga ter um livro em suas mãos. Que ele o tenha é um fato que alterou consideravelmente o pensamento de educadores americanos sobre quando a leitura deve começar a ser ensinada, e um crescente reconhecimento de que, se crianças pobres tem que enfrentar uma vida de dificuldades para ler, alguma coisa deve ser feita cedo.

E o que foi feito chama-se “Lírios em Voz Alta”, um audacioso projeto de alfabetização que apresentou Hassan ao poder e ao prazer da literatura. Três anos atrás, usando US\$ 2,5 milhões doados pela Fundação Willian Penn, o programa distribuiu 89 mil novos livros para 17.675 crianças de pré-escola.

Em um mês, 575 creches — a maioria atendendo populações de baixa renda, muitas sem um livro à vista — estavam inundadas por lindos e coloridos livros de histórias. Todos eles com capas à prova de crianças, e a promessa do programa de ajuda para arrumá-los depois de colados, rasgados, manuseados e amados até o ponto de se desmancharem.

O projeto veio com algo além da simples distribuição de livros, tentada antes com pouco resultado. Os diretores das escolas que quisessem os livros — cinco por criança — teriam que participar de oficinas e aprender a ler histórias de uma maneira que entusiasmasse as crianças, deixando-as prontas para aprender a ler, e como fazer os livros e a leitura de histórias uma presença constante nas atividades diárias delas.

Para reforçar as lições, o programa despachou um exército de educadores para o vale do Delaware para ajudar os professores a arrumar cantos de leitura e apresentar os livros de maneira a atrair as crianças. No início, apenas 20% das salas de aula tinham um canto de leitura, mas 30% tinha tevés. No final, todas as salas tinham seus cantos, com prateleiras da altura dos alunos, para que eles pudessem pegar os livros por si mesmos.

Em dois anos de visitas intensivas, treinadores como Fernanda Molino e Jean Byrne encontraram professores que escondiam os livros das crianças por acreditar que eles eram preciosos demais para ficar nas mãos delas. Em outros casos, alguns simplesmente não viam razão para expor bebês a livros se eles não podiam ler. Alguns trabalhadores reclamavam que não liam bem em voz alta — o que na verdade significa que eles mal conseguiam ler de qualquer forma. E outros estavam tão concentrados em ensinar o alfabeto que não tinham tempo — e paciência — para coisas como livros de histórias.

Para todos, Fernanda repetia a mesma coisa: “Ponha os livros nas mãos das crianças. Leia histórias para elas, e os deixe brincar com elas, toca-los, ver os desenhos e as letras.” Se você o faz, garante ela, as crianças vão voltar e voltar a elas, como se fossem brinquedos. Eles vão aprender que palavras contam histórias. Vão começar a reconhecer sons e letras. E pouco a pouco elas vão construir uma base para a alfabetização.

Como Hassan Upshur, elas estão se preparando para ler.